

Museu Regional de Beja

O primeiro museu de Beja foi o representado pelas colecções particulares de Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), o ilustre prelado bejense cujos méritos e zelos de investigador atraíram a esta cidade a atenção do mundo culto de então. A investidura de Cenáculo no arcebispado de Évora ocasionou a mudança de muitos monumentos, de várias espécies, para aquela cidade, o que prejudicou Beja.

Disperso o Museu Sesinando-Cenáculo-Pacense, as lápides e pedras ornamentadas que não foram para Évora, mais de duas dezenas, e das mais preciosas, foram depois recuperadas, graças à desinteressada cooperação de D. António Xavier de Sousa Monteiro, bispo da sede pacense, que à medida que elas se iam descobrindo no Paço episcopal as mandava entregar à Câmara.

Decorridas oito décadas, em 1890, o Dr. Manuel Duarte Laranja Gomes Palma, presidente do município, propõe que se dê início, com os objectos então arrecadados no andar superior da Domus Municipalis, a um pequeno museu representativo deste concelho, o qual se inaugurou a 29 de Dezembro de 1892, (uma quinta-feira), com o nome de Museu Arqueológico Municipal de Beja.

A verdadeira alma do Museu foi, porém, o chefe da secretaria municipal, José Umbelino Palma, cuja actividade em prol da instituição se manifestou principalmente no periódico local, «O Bejense», do qual era director. A afluência de ofertas e depósitos avolumou o recheio de tal modo que, em



1898, este se repartia por diversos aposentos do Edifício da Câmara Municipal.

Nos anos de 1927 e 1928 as colecções do Museu passaram para o actual edifício do Convento de Nossa Senhora da Conceição – onde professou Sórora Mariana Alcoforado, a célebre “freira de Beja” -, sendo aumentadas com objectos de arte religiosa procedentes de igrejas demolidas e extintos conventos desta cidade: quadros, andores, imagens, paramentos, jóias e diversas alfaias do culto.

Nessa data, dando cumprimento a um decreto anterior, a tutela do Museu Regional de Beja passou da Câmara Municipal para a da antiga Junta Geral do Distrito, actual Assembleia Distrital de Beja, organismo do qual o Museu Rainha D. Leonor depende administrativamente.

O núcleo de pintura do museu reúne um importante conjunto de obras produzidas em Portugal entre sécs. XV e XVIII. Pela sua relevância salienta-se o conjunto de quadros da escola primitiva portuguesa, nomeadamente o *Ecce Homo*, tábuas góticas final do séc. XV, o *S. Vicente*, atribuído ao Mestre Gil (Escola de Coimbra), a *Virgem da Rosa* atribuída ao pintor português Francisco Campos, a *Missa de S. Gregório* da oficina dos Mestres de Ferreirim (Gregório Lopes?), a *Anunciação da Virgem*, e um grupo de quatro painéis, de influência italiana, da autoria do pintor português António Nogueira, as quatro tábuas representam cenas da vida de Cristo nomeadamente a *Visitação de Santa Isabel*, a *Descida da Cruz*, a *Ressurreição*, e a *Ascensão*.

Da pintura portuguesa do séc. XVIII destacam-se o *Juízo Final* de Bento Coelho da Silveira e a *Última Ceia*, de Pedro Alexandrino.



Da Escola Flamenga salienta-se a *Virgem do Leite*, óleo sobre madeira, datado da primeira metade do séc. XVI, e o tríptico o *Cristo e os Apóstolos*, óleo sobre madeira, igualmente da primeira metade do séc. XVI.

Do núcleo da escola espanhola do séc. XVII, o visitante pode observar as telas *Santo Agostinho*, *Martírio de S. Bartolomeu*, *S. Jerónimo*, atribuídas ao pintor espanhol José de Ribera.

De Juan Arellano, pintor espanhol da cidade de Santander, pertencem à colecção dois bustos: um masculino, representando Cristo, e um feminino, representando a Virgem. São ainda dignas de referência a *Vanitas* (óleo sobre madeira), o *S. Francisco de Assis em Transe*, o *S. Pedro de Alcântara*, e duas telas representando a *Cabeça de S. João Baptista*.

Fonte: Museu Regional de Beja